

ACESSO À LEITURA PARA OS POVOS RIBEIRINHOS DO BAIXO AMAZONAS

Joelma Monteiro de Carvalho - UEA
jcarvalhouea@gmail.com
Juciane dos Santos Cavalheiros - UEA
jucianecavalheiro@uea.edu.br

Resumo: Este artigo relata o trabalho desenvolvido com moradores de uma comunidade ribeirinha localizada na Vila Amazônia, em Parintins – baixo Amazonas. Objetiva-se com esse relato propor uma forma de possibilitar a promoção da leitura para as comunidades de difícil acesso, bem como refletir acerca da falta de incentivo das autoridades competentes, no que condiz à educação para as comunidades mais distantes. O trabalho desenvolvido com os ribeirinhos foi um projeto denominado “Tricicloteca: uma viagem de leitura do povo ribeirinho às margens do rio Amazonas”, espécie de biblioteca ambulante em que os materiais de leitura (livros e revistas) eram oferecidos durante o percurso feito pelos moradores no “triciclo-táxi”. Essa experiência apresentou resultados que superaram as expectativas iniciais, uma vez que os passageiros do “Tricicloteca” passaram a ler com maior frequência e começaram a trocar experiências de leitura com outros passageiros, numa prática dialógica bastante enriquecedora.

Palavras-chave: Leitura. Cultura. Sociedade. Memória.

Resumen: En este trabajo se reporta el trabajo con los residentes de una comunidad ribereña ubicada en Vila Amazonas en Parintins - Bajo Amazonas. Objetivo de este informe se propone una forma para que la promoción de la lectura para las comunidades de difícil acceso, así como reflexionar sobre la falta de incentivos de las autoridades competentes, en los que coinciden con la educación a las comunidades más lejanas. El trabajo con la orilla del río era un proyecto llamado "Tricicloteca: un viaje de la lectura de las personas ribereñas en las orillas del río Amazonas", una especie de biblioteca móvil, donde se ofrecieron materiales de lectura (libros y revistas), durante el recorrido realizado por los residentes los "taxis de tres ruedas". Esta experiencia mostró resultados que superaron las expectativas iniciales, ya que los pasajeros "Tricicloteca" comenzó a leer con más frecuencia y se inició el intercambio de experiencias de lectura con otros pasajeros en una práctica dialógica muy enriquecedora.

Palabras clave: la lectura. Cultura. Sociedad. Memoria

Introdução

No ano de 2009, na cidade de Parintins, foi realizado um trabalho de pesquisa voltado para a prática da leitura. A pesquisa contou com participação da turma de Licenciatura Plena em Letras da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), juntamente com o Programa Nacional de Incentivo à leitura (PROLER) e com a Secretaria Estadual de Educação (SEDUC), que cedeu alguns alunos do terceiro ano do Ensino Médio, para participarem.

Com essa pesquisa escreveu-se o projeto: “Tricicloteca: uma viagem de leitura do povo ribeirinho às margens do rio Amazonas”. A partir dele, conseguiu-se realizar atividades de leitura organizadas e sistematizadas que envolveram os proprietários dos chamados *triciclos* – um meio de transporte adaptado com peças de bicicletas, porém com três rodas, utilizado no transporte de

agricultores do porto da cidade e ainda para o embarque/desembarque dos produtos agrícolas nos mercados e feiras, dessa forma, proporcionamos o acesso à leitura para os povos ribeirinhos, conforme será detalhado adiante.

Para chegar ao local, utilizou-se uma balsa conhecida de *ferribout* e viajou-se para um lugar que ficava próximo à cidade de Parintins, em um pequeno vilarejo, de assentamento rural, conhecido como Vila Amazônia. Todas as atividades foram desenvolvidas aos sábados e, para que elas fossem concretizadas, contamos ainda com a parceria da Secretaria Municipal de Educação de Parintins.

Este trabalho relata, portanto, a experiência de proporcionar aos ribeirinhos do município de Parintins o acesso à leitura, descrevendo os desafios enfrentados e os resultados alcançados, e também alertando para a falta de incentivo à educação para as comunidades distantes do centro urbano de Manaus.

O Município Paratins

Parintins fica localizada no interior do Estado do Amazonas, Região Norte, e faz divisa com o Estado do Pará. Com uma população de 103.828 habitantes (IBGE – 2012), configura-se como o segundo município mais populoso do Estado. A cidade é conhecida no Brasil e no exterior com um dos pontos turísticos mais importantes da Amazônia, graças ao Festival Folclórico de Parintins. Apresenta ainda um evento religioso bastante famoso: o Círio da Padroeira Nossa Senhora do Carmo, que acontece no mês de julho. Essas manifestações folclóricas e religiosas revelam a grande proximidade que o povo parintinense tem com a cultura de um modo geral, mesmo não recebendo o devido incentivo na educação.

Figura 1 – Mapa da cidade de Parintins localizada no Estado do Amazonas



Fonte: disponível em <http://pt.wikipedia.org>.

A ilha Tupinambarana, como é conhecida, apresenta aproximadamente 200 km de extensão, somente na faixa da várzea. Na época da cheia, a Ilha forma um arquipélago e fica entrecortada por lagos, furos, restingas, paranás e igapós. O município tem em seu relevo – no lado leste, na chamada Serra Valéria (Serra de Parintins) – sua cota máxima, com aproximadamente 157 metros e, no lado oeste, as terras altas do Pará.

É uma cidade marcada pelos traços culturais, políticos e econômicos herdados dos portugueses, espanhóis, italianos e japoneses, tendo em vista que, no passado, possuiu uma relevante colônia desses imigrantes. Além disso, a região amazônica é reconhecida pela rica biodiversidade e pelos saberes e tradições próprias das comunidades locais. Nesse contexto, o Centro de Estudos Superiores de Parintins (CESP) tem se firmado como uma instituição que reconhece a realidade local em suas potencialidades, saberes e desafios, valorizando-as e construindo conhecimento.

As Atividades Realizadas

Num primeiro momento, o uso do triciclo foi pensado como meio de levar livros aos comunitários da região. O intuito era que o material fosse carregado pelos próprios proprietários do meio de transporte, conhecidos como triciclistas. Desse modo, cada um deles recebeu uma bolsa contendo cinco livros e cinco revistas, doados por alunos do Ensino Médio e por estudantes dos cursos de Licenciatura em Letras, História e Matemática.

Os livros eram transportados durante o trabalho diário dos condutores. Ao mesmo tempo em que transportavam passageiros, carregavam também os livros para que os viajantes lessem durante o trajeto. Os gêneros mais procurados para a leitura eram os poemas, principalmente por sua concisão, o que permitia a leitura mesmo em viagens curtas.

Dos 500 condutores, conseguiu-se implantar 100 bibliotecas ambulantes e comunitárias. A iniciativa serviu de atrativo também aos turistas que utilizavam o triciclo como meio de transporte para conhecer a cidade de Parintins e também para ler. Dessa maneira, o contato com o leitor por meio da “biblioteca ambulante”, serviu como meio de comunicação e trocas de conhecimento até mesmo pela oralidade.

As circunstâncias da vida amazônica vêm regulando peculiares relações entre os homens e o meio, tanto no que diz respeito aos fins práticos da produção em circulação e consumo, assim como vem dando origem a um processo

dominantemente oralizado de transmissão cultural. (LOUREIRO, 1995, p. 57).

Em outro momento, no trajeto feito à balsa de Parintins até a Vila Amazônia, os livros ficaram dentro de um triciclo para que cada agricultor pudesse pegá-los, manuseá-los e lê-los, durante a viagem que durava 30 minutos. Eram livros com poucas páginas e neles continham poemas, contos, literatura de cordel, entre outros. Dentro da balsa, cerca de 25 alunos do Ensino Médio, da Escola Brandão de Amorim, conversavam com os passageiros numa troca de saberes, ouvindo os casos dos ribeirinhos, dos agricultores, dos pescadores e de outras pessoas, conforme relato de um desses alunos, Adalberto Brito Lopes Júnior, estudante do terceiro ano:

É pelo rio Amazonas o caminho que a balsa percorre para chegar a Vila Amazônia, menos de 30 minutos chegamos à comunidade. Os passageiros desembarcaram e outros embarcaram, trazendo sacos de farinha, cachos de banana, pupunha, tucumã, e outros produtos a serão comercializados na feira de Parintins. Já na comunidade, o pau-de-arara vem transportando ribeirinhos de muitas localidades, como Zé Açú, Laguinho, Quebra Quebrinha, e na balsa realizamos as conversas e ouvimos histórias dos ribeirinhos.

No trajeto de viagem realizado na balsa, o iletrismo das pessoas era bem maior, uma vez que grande parte dos agricultores, na faixa etária de 35 até 60 anos, nunca teve a oportunidade de ler e/ou escrever. Eles contavam que, “na época deles”, não havia incentivo para o estudo, “tudo era difícil”. Percebia-se que esses passageiros eram muito criativos, além disso, o conhecimento deles a respeito da floresta, dos rios e da agricultura também era muito peculiar.

No decorrer do percurso, os relatos eram anotados em um tipo de diário de bordo. Os alunos descobriam o denso significado das histórias orais, ouvindo e conhecendo os velhos contadores de história que eram sempre muito carismáticos e, dessa maneira, enlaçavam os visitantes da Ilha Tupinabarana. As histórias contadas por eles variavam entre situações particulares, adivinhações, lendas e mitos da região.

Essa troca entre ouvir e narrar remete à obra de Walter Benjamin, quanto à memória e ao narrado: “A reminiscência funda a cadeia da tradução, que transmite os acontecimentos no sentido mais amplo de geração em geração. Ela corresponde à musa épica [...]” (1994, p. 201). Benjamin mergulha na análise dos significados da experiência e da vivência, na arte de contar:

Quem escuta uma história está em companhia do narrador; mesmo quem a lê partilha desta companhia. Mas o leitor de um romance é solitário. Mais solitário que qualquer outro leitor (pois mesmo quem lê um poema está disposto a declará-lo em voz alta para um ouvinte ocasional). Nessa solidão, o leitor do romance se apodera ciosamente da matéria de sua leitura. Quer transformá-la em coisas suas,

devorá-la [...]

A narrativa é concebida como transmissão de experiências entre gerações, baseadas no movimento coletivo de tradições, de sensibilidades, na relação do narrado com o vivido, não há possibilidades de narrativas sem memória. (BENJAMIN, 1994, p. 213).

O sucesso do projeto fez com que tomasse grandes proporções. Assim, tornou-se vencedor do primeiro edital “Ponto de Leitura”, do Ministério da Cultura, recebendo como premiação, um *kit* completo para montagem de uma biblioteca. O *Kit* era composto por estantes, por 2000 livros, impressoras, tapetes, *puffs*, computadores e mesas. O acervo ficou locado na biblioteca Tonzinho Saunier e todos os anos o lugar é visitado por representantes do Ministério da Cultura.

Análise dos Dados

O referido projeto obteve os dados levantados na pesquisa com a finalidade de analisar o perfil do *neoleitor*. Os dados obtidos revelaram que, entre os 100 triciclistas beneficiados, um deles possuía aproximadamente 35 anos e havia completado o segundo grau; por outro lado, 20 eram semi-iletrados e apresentavam faixa etária entre 35 e 58 anos; os demais eram jovens que cursavam o Ensino Fundamental e apresentavam faixa etária entre 18 e 30 anos.

Segundo os triciclistas, há neles muita vontade de estudar, no entanto, a falta de tempo e de condições econômicas impediam-lhes de retornar à escola, por isso, antes do projeto, eles liam tão pouco. Fato curioso, todavia, era a habilidade aritmética aguçada desses sujeitos, apesar do pouco tempo de estudo. Certamente essa habilidade foi adquirida com a experiência no trabalho diário.

Os triciclistas sustentavam suas famílias com suas “idas e vindas” como eles explicavam, isto é, transportando alimentos, pessoas, objetos, animais e tudo mais que pudessem. O lucro diário desses trabalhadores era bastante instável, variava entre R\$ 10,00 e R\$ 60,00 reais, entretanto, havia dias em que não conseguiam obter nenhum lucro.

Outro dado levantado, foi por ocasião do III Seminário em Leitura, no Centro de Estudos Superiores de Parintins, foi aplicado um questionário fechado, com perguntas objetivas para 50 alunos na faixa etária de 17 a 43 anos: 13 eram do curso de Letras, 12 do curso de Biologia, dois de Química, dois de Matemática, dez de Geografia e 11 de Pedagogia.

A primeira pergunta do questionário foi: “O que é leitura?”. Conforme pode ser observado no gráfico a seguir, dos 50 acadêmicos participantes, 40 definiram a leitura como: *fonte de conhecimento para a vida*; quatro deles definiram a atividade como *prazerosa*; três definiram-na

como: *conhecimento para escola ou para a faculdade* e, finalmente, outros três definiram-na como: *uma atividade interessante*. Assim como a pesquisa nacional realizada pelo Instituto Pró-Livro (2008), verificou-se que a maioria dos estudantes optou por definir a leitura como uma fonte de conhecimento para a vida.

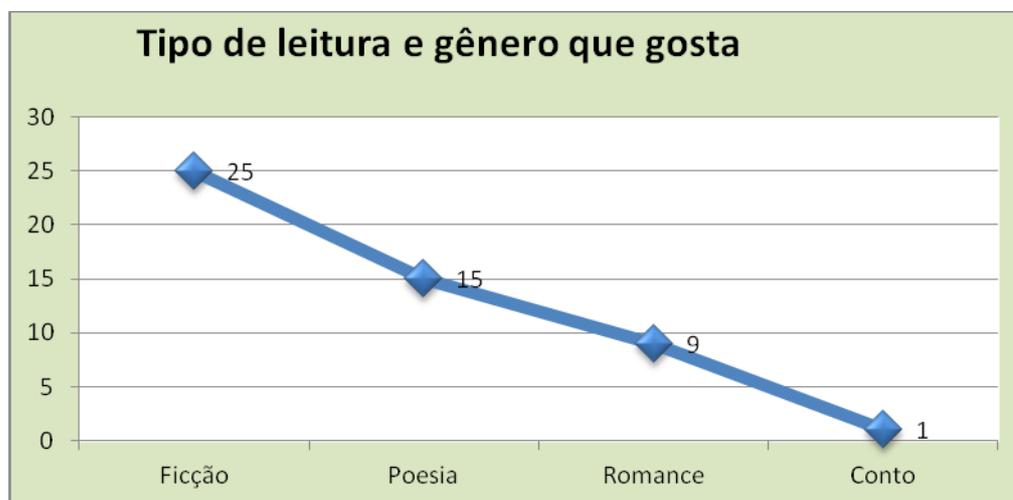
Gráfico 1 – Primeira pergunta



Fonte: autoria própria (2013).

A segunda questão foi: “Qual o tipo de leitura e o gênero textual que você mais gosta?”. Como se define no gráfico abaixo, dos 50 acadêmicos, 25 alunos afirmaram gostar do gênero ficção; 15 optaram por poesias; nove preferiram o gênero romance e apenas um escolheu a opção “conto”.

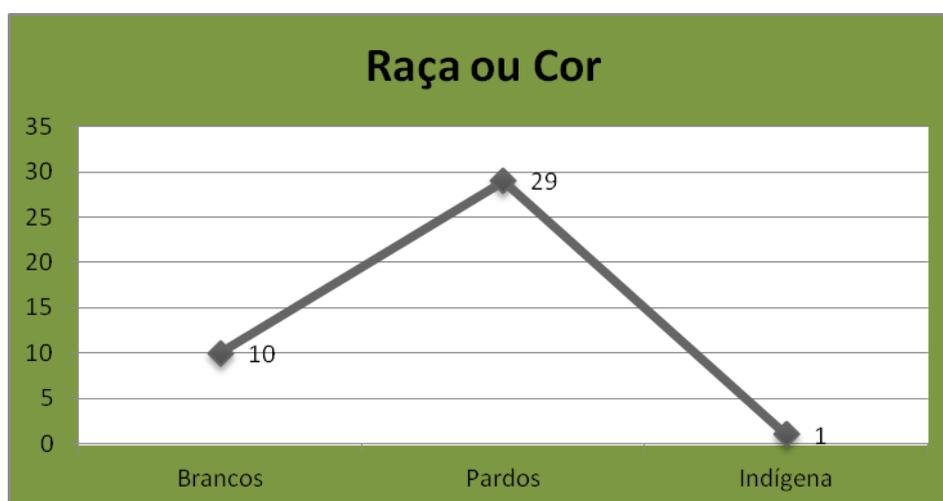
Gráfico 2 – Segunda pergunta



Fonte: autoria própria (2013).

O terceiro questionamento foi feito exatamente como o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) emprega em suas pesquisas. A pergunta era a respeito da Raça ou Cor dos participantes. Nesse item, destacou-se a presença de uma aluna, do curso de História, que se identificou como indígena, firmando a participação dessa etnia no Ensino Superior. Abaixo, verifica-se o Gráfico 3 com as demais informações:

Gráfico 3 – Terceira pergunta



Fonte: autoria própria (2013).

A quarta pergunta referia-se à quantidade de livros que cada aluno lia anualmente. Os dados obtidos foram: cinco acadêmicos afirmaram ler em média de cinco a dez livros; dez acadêmicos responderam ler de dois a cinco livros; quinze acadêmicos afirmaram ler de um a dois livros; e dez acadêmicos disseram ler, em média, dez livros por ano.

Gráfico 4 – Quarta pergunta



Fonte: Pesquisa realizada no CESP em 08 de junho (2013).

Com o intuito de incentivar outras iniciativas, o projeto “Triciclo-teca: uma viagem de leitura do povo ribeirinho às margens do rio Amazonas” procurou sensibilizar, sobretudo, os gestores do município de Parintins na tentativa de despertar o interesse do poder público para que fosse dado o devido incentivo à comunidade.

Problemas vinculados à falta de dinheiro são considerados importantes e responsáveis para que os brasileiros tenham pouco acesso aos livros. Em média, um livro apresenta um custo que varia de R\$ 26,00 (vinte e seis reais) a R\$ 50,00 (cinquenta reais); desse modo, os brasileiros, cuja maioria é assalariada ou desempregada, têm poucas condições de pagar os referidos valores. Para a região Norte, ainda há outro agravante, principalmente no que condiz ao interior do Estado do Amazonas: a falta de incentivo e de políticas públicas para investimentos e para a implantação de bibliotecas públicas.

Considerações Finais

Em 2003, o Presidente da República, Luís Inácio Lula da Silva, sancionou a Lei N.º 10.753, de 30 de outubro de 2003, que instituiu a Política Nacional do Livro, assegurando ao cidadão o direito e o acesso ao livro: “Art.16. A União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios consignarão, em seus respectivos orçamentos, verbas às bibliotecas para a sua manutenção e aquisição de livros” (MAROTO, 2009 apud BRASIL, 2003, p. 150).

Apesar disso, muitas localidades do Estado do Amazonas ainda dispõem de um acesso muito limitado à leitura. É necessária, portanto, a preocupação em promover incentivos a essas localidades; do contrário, comunidades, como a apresentada neste trabalho, Vila Amazônia, em Parintins, continuarão sem o direito de acesso à leitura, que implica uma forma de exclusão: exclusão de conhecimento; exclusão do mundo.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 197-221.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. Cultura amazônica: uma poética do imaginário. Belém: CEJUP, 1995.

MAROTO, Lúcia Helena. **Biblioteca Escolar Eis a questão**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

Acessado em 14 de junho de 2013

http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Amazonas_Municip_Parintins.svg